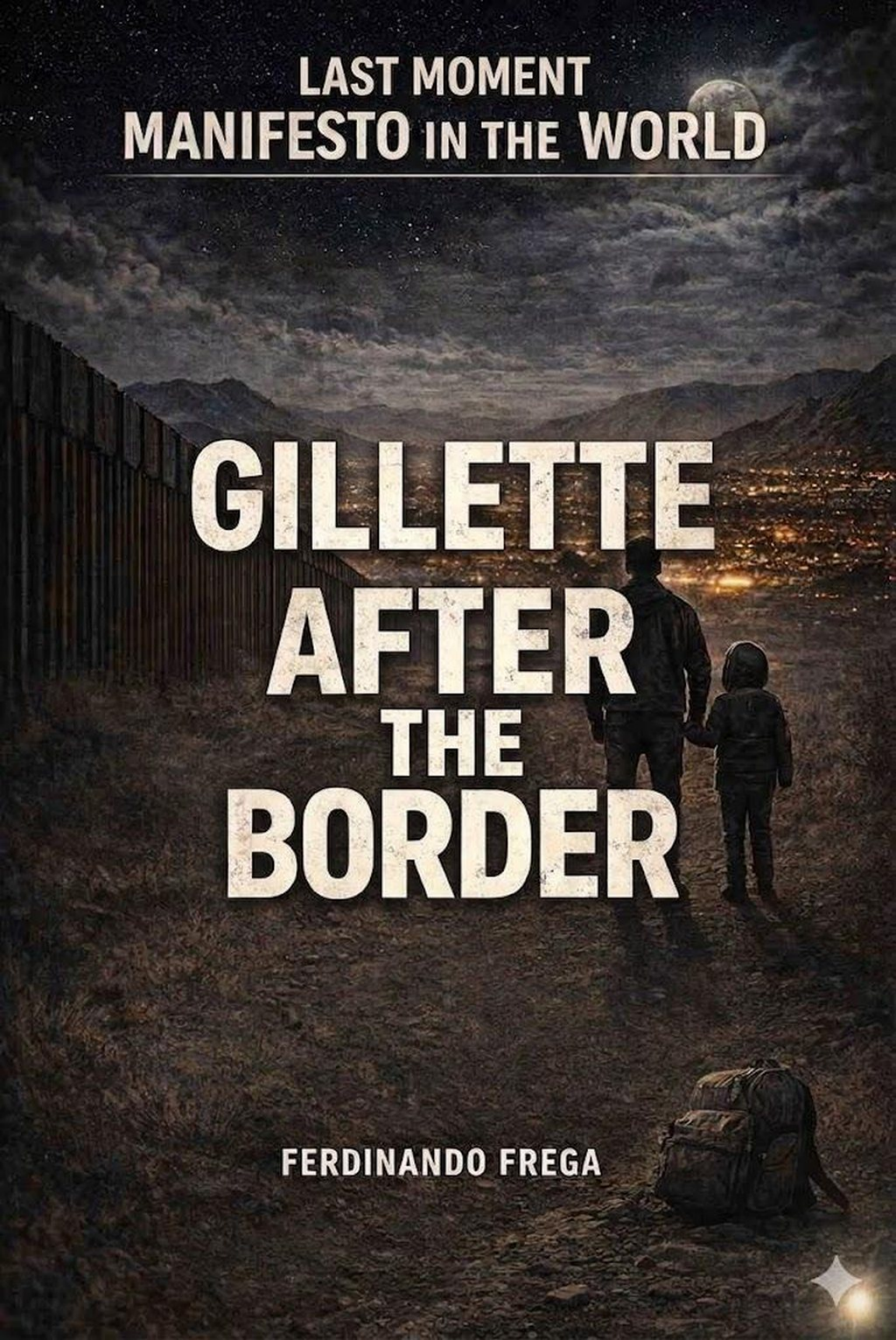
LAST MOMENT
MANIFESTO IN THE WORLD

GILLETTE AFTER THE BORDER



FERDINANDO FREGA

GILLETTE ALÉM DA FRONTEIRA

Um livro sobre as fronteiras como limiares e não como muros: povos, culturas, tradições e a linha tênue entre loucura e visão. Traz um manifesto, uma dedicatória aos viajantes das fronteiras, uma pequena biografia e uma pergunta à qual o autor sempre volta — o que resta de uma pessoa depois de atravessar o limite.

MANIFESTO

A maioria das pessoas não entende que a vida não se define pelo que temos, mas pela presença que deixamos nos outros. Não estamos aqui apenas para acumular. Estamos aqui para esculpir um pensamento, aliviar uma dor, acender uma consciência.

A fronteira humana não é apenas uma linha entre Estados. É a distância entre quem consome o próprio tempo e quem o transforma em herança interior.

Além da fronteira não há vazio. Há o que fica. Há o que sobrevive ao corpo, à geografia, ao medo. Há o rastro.

DEDICATÓRIA

A quem atravessa fronteiras visíveis e invisíveis. A quem perde terra, língua, nome — e ainda assim procura um jeito de existir no mundo.

NOTA EDITORIAL

Este texto nasceu de uma pergunta simples e radical: o que é que nós, seres humanos, ainda não entendemos? A resposta abre um campo novo: não estamos aqui apenas para existir, mas para deixar um rastro vivo nos outros.

PREMISSA

Toda fronteira divide alguma coisa: corpos, mapas, memórias, direitos, possibilidades. Mas a fronteira mais profunda separa o que passa do que fica.

PREFÁCIO

Este não é um texto sobre o limite como fechamento, mas sobre o limite como limiar. A humanidade construiu territórios, nações, defesas — e ainda assim não entende que sua verdadeira medida não é o que possui, mas o que transmite.

SINOPSE

Um manifesto sobre as fronteiras humanas e territoriais, e sobre o que sobrevive depois de atravessá-las: memória, transformação, presença.

INTENÇÃO DO AUTOR

Escrevo para deixar algo que não pede posse, mas duração. Um sorriso, um pensamento, uma forma de proximidade capaz de continuar além da página.

INTRODUÇÃO

A maioria das pessoas, diante de uma pergunta, corre para encontrar uma resposta. Eu não. Começo com uma única palavra: por quê?

Porque não me interessa entrar no diálogo do jeito esperado. Quero abrir a fratura da qual o diálogo nasce. Quero o ponto em que o ser humano para de repetir e começa a questionar de verdade.

Não o que deixamos de entender — mas por que continuamos falhando. Por que confundimos posse com sentido. Por que atravessamos o tempo como consumidores da vida, e não como presenças capazes de deixar um rastro. Por que construímos fronteiras fora de nós e ignoramos as que nos dividem por dentro. Este manifesto começa aqui. Não de uma resposta pronta, mas de uma urgência. Não de uma fórmula, mas de um limiar.

A primeira pergunta não pede uma posição. Pede exposição. Pede que desçamos até o ponto em que a linguagem deixa de ser superfície e volta a ser necessidade.

Por isso não respondo de imediato. Primeiro me coloco diante da origem. Primeiro escuto a ferida. Primeiro pronuncio a única palavra que ainda consegue abrir o pensamento: por quê.

Desta fratura o texto começa. Daqui se torna uma reflexão sobre as fronteiras humanas, territoriais e interiores. Daqui se abre a passagem para o que vem depois: não o vazio, mas o

que resta; não o fim, mas o rastro; não o fechamento, mas o que sobrevive.

Este manifesto entra no lugar onde as respostas já não bastam — e começa exatamente no ponto em que o ser humano é obrigado a olhar para si mesmo sem abrigo.

PRÓLOGO

Versão em português

O manifesto explora o sentido das fronteiras humanas, territoriais e interiores, destacando a importância da presença e do rastro que deixamos nos outros, para além da mera existência material.

Dedicatória aos viajantes das fronteiras

É dedicado a quem atravessa limites visíveis e invisíveis, perdendo terra, língua ou nome, e ainda assim procura um jeito de existir no mundo.

A pergunta fundamental

O autor começa com uma pergunta radical sobre o que ainda não entendemos, afirmando que estamos aqui não apenas para existir, mas para deixar um rastro vivo nos outros.

A natureza das fronteiras

As fronteiras dividem corpos, mapas, memórias, direitos e possibilidades — mas a fronteira mais profunda é a que separa o que passa do que fica.

As fronteiras como limiares

Os limites não são fechamentos, mas limiares. A verdadeira medida da humanidade está no que transmitimos, não no que temos.

Um manifesto sobre a fronteira humana

A vida não se define pelo que se possui, mas pela presença que se deixa nos outros. A fronteira humana é a distância entre quem apenas consome o tempo e quem o transforma em herança interior.

Povos e culturas

Os povos são memórias vivas que resistem e exigem reconhecimento, enquanto as culturas são alfabetos do sentir — atos de resistência contra o esquecimento.

Tradições e convivência

As tradições são continuidades encarnadas que resistem ao tempo. A convivência é a primeira fronteira humana, o lugar onde a identidade se forma pelo reconhecimento recíproco.

A fronteira entre loucura e visão

Quem atravessa as fronteiras do pensamento pode ser visto como caso clínico ou como profeta; a linha entre loucura e visão é tênue, muitas vezes traçada pelo medo de escutar.

Oferecer sem possuir

O autor diz que dá sem esperar nada em troca, distinguindo a lógica humana da lógica comercial. O manifesto é uma

passagem — que continua além da página.

O MUNDO

Os povos

Os povos do mundo não são massas a serem contadas, mas memórias vivas em movimento. Cada pessoa é uma ferida que continua respirando, uma língua que se recusa a ser domada, uma fome que o pão sozinho não consegue calar, um céu que não pode ser dobrado dentro de uma bandeira.

Os povos não avançam — resistem. Não pedem para ser compreendidos, mas reconhecidos. Cada povo é um arquivo de sobrevivência, um jeito único de continuar vivo quando tudo ao redor desmorona.

Nenhum povo é periférico. A periferia é apenas o lugar que o mundo ainda não aprendeu a ver.

As culturas

As culturas não dividem a humanidade — tornam-na legível. São alfabetos do sentir, mapas da dor, coreografias da festa, geometrias do retorno.

Cada cultura é um laboratório de sentido, uma tentativa de dar forma ao enigma de estar vivo. Não identidades a defender, mas tensões a atravessar.

Toda cultura é uma resposta provisória ao mistério de estar aqui, agora, neste corpo. E toda resposta é um ato de resistência contra o esquecimento.

As tradições

As tradições são o que resiste à erosão do tempo. Não são nostalgia — são continuidade encarnada.

Um gesto repetido não é hábito: é memória que insiste. Uma palavra transmitida não é folclore: é pertencimento. Uma mesa compartilhada é um pacto. Um luto compartilhado é uma forma de justiça.

As tradições são o passado que se recusa a morrer — e volta toda vez para nos lembrar de quem somos quando ninguém está olhando.

A convivência

A convivência é a primeira fronteira que o ser humano atravessa. Antes de falar, tocamos. Antes de entender, olhamos.

Somos relação, atrito, necessidade de ser reconhecidos. Até o silêncio, diante do outro, é uma linguagem. A convivência é o lugar onde a fronteira entre mim e o outro se racha — e começa a possibilidade de ser. Não há identidade sem testemunha.

Uma pequena biografia

Venho de uma escrita que nunca buscou salões, mas presença. Atravessei anos de pensamento, ferida, teimosia, lucidez. Nunca escrevi para ocupar espaço — escrevi para não desaparecer. Cada palavra foi um limiar, cada livro uma testemunha, cada gesto um ato de resistência. Minha biografia

não é um currículo — é uma trajetória. Não procuro leitores — procuro testemunhas.

Objetivo

(Explorar os limites)

Tocar a borda do mundo

Meu objetivo não é descrever o mundo, mas tocar seus limites.

A escrita como prova de fronteira

A escrita é uma prova de fronteira: não para dizer, mas para ver o que fica depois que tudo foi dito.

O Polo Norte

O Polo Norte é a fronteira extrema da imaginação geográfica: gelo, silêncio, ausência, resistência. É o lugar onde o mundo parece acabar — e, ao contrário, recomeça de outra forma. Todo manifesto precisa do seu Norte impossível. Não como destino, mas como tensão.

O Polo Norte é a prova de que até o vazio pode ser habitado, se atravessado com lucidez. É o ponto em que o mapa deixa de ser geográfico e se torna destino.

Os animais

Os animais são a fronteira que nos torna humildes e nos completa. Eles nos olham a partir de outra gramática do vivo. Não falam — dizem. Não explicam — mostram.

São a memória biológica do mundo, a prova de que não somos o centro, mas uma passagem. Cada animal é uma pergunta

que não precisa de resposta — apenas de presença. Não buscam sentido — encarnam-no.

Psiquiatra ou caso clínico?

Eis a pergunta final: visão ou desvio? Profecia ou sintoma?

Quem leva o pensamento além da fronteira muitas vezes é lido como um caso antes de ser ouvido como uma voz. Toda linguagem nova atravessa, pelo menos uma vez, a suspeita do diagnóstico.

A fronteira entre loucura e visão é tênue — e muitas vezes é decidida por quem tem medo de escutar.

Não peço diagnóstico — peço atenção. Não procuro normalidade — procuro verdade.

NOTA DO AUTOR

Ao longo de toda a minha vida, sempre encontrei alegria em dar, nunca em tomar. Foi o meu único traço constante durante sessenta e um anos: oferecer, não reter. E mesmo aqui eu só podia continuar sendo eu mesmo — deixando algo feito para ficar na mente das pessoas, não nos meus bolsos.

A indústria editorial global tem uma crença curiosa: a de que o que é dado de graça deve valer pouco. A de que um livro oferecido de presente é um livro de menor valor.

Essa é a lógica dos negócios — não a lógica humana. Por essa lógica, Bezos deveria pegar ônibus em vez de jatinho particular. Hahahaha. É esse o tamanho do absurdo.

Eu faço o contrário. Dou o que tenho para oferecer — não o que espero receber.

A diferença parece pequena, mas não é. É a linha que separa a posse da presença, o cálculo da generosidade, o mercado do rastro.

Este manifesto não é um produto — é uma passagem. Um gesto que não pede nada em troca. Um fragmento de mim que continua caminhando mesmo quando eu já não puder.

Obrigado. E aproveite — no sentido mais sério e mais leve da palavra.

Encerramento

A verdadeira fronteira não é o fim da terra. É o momento em que decidimos se vamos passar sem deixar nada — ou nos tornar presença.

Ferdinando Frega